

## UMA REFLEXÃO SOBRE A PULSÃO: UM ENFOQUE FREUDIANO

Renate Maria Wieczorek\*

WIECZOREK, R.M. Uma reflexão sobre a pulsão: Um enfoque freudiano. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*, 7(2): 195-201, 2003.

**RESUMO.** Este artigo consta de uma revisão bibliográfica de algumas obras de Sigmund Freud com o objetivo de apresentar reflexões sobre os mecanismos das pulsões. São estudados os momentos diferentes na teoria da psicanálise, que se configuram em duas teorias pulsionais: a teoria da pulsão, constituindo-se a partir do apoio do sexual no somático, e a teoria da pulsão como herdada filogeneticamente. As idéias fundamentais de Freud sobre a pulsão levam a conclusão de que, todo desenlace psíquico, dentro da normalidade ou da psicopatologia, deve ser entendido como uma relação pulsional. Isto é, a vida psíquica do sujeito está definida pela pulsão e a história dos acontecimentos pulsionais está definida pelos diferentes momentos da estruturação do aparelho psíquico.

**PALAVRAS-CHAVE:** aparelho psíquico; pulsão; teoria da psicanálise.

### AREFLEXION ON PULSION: A FREUDIAN APPROACH

WIECZOREK, R.M. A reflexion on pulsion: A freudian approach. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*, 7(2): 195-201, 2003.

**ABSTRACT.** This article consists of a bibliographical review of some works of Sigmund Freud with the objective of presenting reflections on the mechanisms of the pulsion. It is studied the different moments in the theory of psychoanalysis, that are configured in two pulsional theories: the theory of the pulsion, being constituted of the support of the sexual in the somatic, and the theory of the pulsion as inherited phylogenetically. Freud's fundamental ideas on the pulsion reach the conclusion that, every psychic outcome, either within normality or within psychopathology, should be understood as a pulsional relationship. That is, the subject's psychic life is defined by the pulsion and the history of the pulsional events is defined by the different moments of the structuring of the psychic apparatus.

**KEY WORDS:** psychic apparatus; pulsion; theory of psychoanalysis.

#### Introdução

A investigação da teoria das pulsões é uma tarefa trabalhosa visto que a pulsão ocupa um lugar valioso e complexo na metapsicologia pela intensa e extensiva influência que exerce na constituição e no funcionamento do aparelho psíquico, já que se constitui na energia fundamental do mesmo.

A pulsão, sua origem e seus efeitos no dinamismo da vida psíquica são questões que foram, e seguem sendo motivo de discussões e debates na psicanálise. Portanto, no desenvolvimento deste trabalho, busco o apoio no discurso freudiano, por considerá-lo o paradigma do saber psicanalítico.

Cabe esclarecer que, por uma questão de coerência, ao longo do trabalho, optei pela tradução do termo alemão original "trieb" por pulsão.

A pulsão não é um conceito uniforme e implica diferenciá-lo do instinto. Este último remete a automatismos herdados, às noções pré-formadas no sistema nervoso central. É algo que está inscrito, gravado e incorporado na matéria viva e é desencadeado por uma situação específica. É também dependente de toda experiência prévia.

O termo pulsão (*trieb*) só tem em comum com o instinto o fato de que ambos designam uma força impulsora. A pulsão é uma força de caráter constante, uma espécie de estímulo para o psiquismo que deve elaborar ações complexas que tendem a modificar o mundo externo, com o objetivo de satisfazer a fonte interior estimulante. É neste sentido que

Freud considera as pulsões como o motor da evolução do sistema nervoso.

Assim como os estímulos exteriores se tramitam mediante a fuga (movimentos oculares, no início da vida), os estímulos pulsionais geram exigências de trabalho para o aparelho psíquico, que produz complexas condutas, já que não é tão simples fugir dos estímulos que a pulsão apresenta porque sempre estão atuando de maneira endógena. Por outro lado, pelo seu caráter contínuo, como força contínua, obriga o sistema nervoso a abandonar o ideal de redução da excitação e de liberar-se completamente dela.

Em 1915 Freud adjudica quatro elementos à pulsão. Um deles é, então nesse esforço, a exigência de trabalho que a pulsão impõe ao aparelho psíquico para atingir a satisfação. Exigência de trabalho quer dizer que a pulsão aparece como uma tensão que pode provocar desprazer. A maneira de resolver isto coloca ao aparelho psíquico um trabalho que consiste em encontrar os meios para ser satisfeita a pulsão, para evitar o desprazer. Se a tensão não se satisfaz, termina se transformando em desprazer e, se este estado continuar, transforma-se em dor, em trauma. A pulsão mesma não se satisfaz, o que se satisfaz é esse estado tenso e o que se produz é o apaziguamento da pulsão.

Outro elemento da pulsão é a meta ou fim. É a satisfação da pulsão através de uma ação de descarga que cancela a excitação na fonte somática. Para cada pulsão podem existir diferentes fins ou metas, diferentes modos de satisfação. Também a meta pode ser desviada, sendo um exemplo disto

\* Docente do curso de Psicologia. UNIPAR. Cascavel-PR.

Endereço: Renate Maria Wieczorek, Rua Guarani, 1595. Centro, Toledo-PR. 85900-190.

a inibição dos desejos amorosos para com os pais com o declínio do Complexo de Édipo; assim, troca-se a meta sexual pela meta de ternura.

Aquilo pelo qual a pulsão pode alcançar a satisfação é o objeto, outro dos elementos pulsionais. O objeto é o mais variável na pulsão porque pode ser trocado e substituído indefinidamente. A excitação parte do elemento chamado fonte. A fonte da pulsão é o processo somático que se desenvolve num órgão ou numa parte do corpo.

Interessa deter-se nestes elementos da pulsão como vetor para se trabalhar sobre o que ela comporta em termos de diferença com o instinto. No caso deste último e, especificamente desde a finalidade da sexualidade animal, há uma excitação que corresponde ao ciclo de reprodução. O instinto responde à finalidade biológica da reprodução. No entanto, para o humano isto não é assim. Justamente por não haver um objeto pré-determinado trata-se de uma satisfação parcial e, como já foi colocado, o que há é uma redução da tensão. Ela é uma força constante que tem como fim a satisfação, sendo que esta se consegue via objeto, mas não havendo um objeto específico não há como se entender a pulsão como uma totalidade.

Assim, neste artigo, a pulsão é investigada na obra de Sigmund Freud que foi quem primeiro teorizou a este respeito. Apresenta-se os diferentes momentos da teoria freudiana, que se configuram em duas teorias pulsionais: a teoria da pulsão, constituindo-se a partir do apoio do sexual no somático, e a teoria da pulsão como herdada filogeneticamente. O objetivo da pesquisa, portanto, é apresentar reflexões sobre as pulsões, que foi considerada por Freud como a parte mais importante da teoria psicanalítica. Assim, a partir da idéia da pulsão como uma exigência de trabalho imposta ao aparelho psíquico, fazer articulações da pulsão com o funcionamento e os efeitos no dinamismo da vida psíquica. Busca-se diferenciar as conseqüências que se estabelecem na constituição do psiquismo, do inconsciente e da sexualidade, de acordo com as abordagens próprias da pulsão.

### Desenvolvimento

A pulsão se inscreve como um dos conceitos principais dentro da teoria psicanalítica, visto que se constitui na energia fundamental do aparelho psíquico. Relaciona-se diretamente ao desejo e à fantasia, materiais privilegiados em psicanálise.

### Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade – 1905

Além da definição de pulsão como um representante psíquico do somático, observa-se a dualidade pulsional que caracteriza a primeira teoria das pulsões, qual seja, que a pulsão sexual se antagoniza com a pulsão de autoconservação, gerando um conflito. Esse conflito pulsional é coincidente com um conflito sistêmico, já que a pulsão sexual está representada no inconsciente e a pulsão de autoconservação diz respeito ao ego.

Em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905) se refere à definição de pulsão, onde expressa que:

“Por ‘pulsão’ deve-se entender provisoriamente o representante psíquico de uma fonte endossomática e contínua de excitação em contraste com um ‘estímulo’, que é estabelecido por excitação simples vinda de fora. O conceito de pulsão é assim um dos que se situa na

fronteira entre o psíquico e o somático. A mais simples e mais provável suposição sobre a natureza das pulsões pareceria ser que, em si uma pulsão não tem qualidade, e no que concerne à vida psíquica deve ser considerada apenas como uma medida de exigência de trabalho feita à mente. O que distingue as pulsões uma da outra e as dota de qualidades específicas é sua relação com as fontes somáticas e com seus objetivos. A fonte de uma pulsão é um processo de excitação que ocorre num órgão, e o objetivo imediato da pulsão consiste na eliminação deste estímulo orgânico” (FREUD, 1986 p 120).

Nessa definição de pulsão, a fonte da pulsão é designada como um processo de excitação que ocorre num órgão, sendo o alívio da tensão sexual e a extinção temporária da pulsão sexual o alvo imediato da pulsão. A satisfação seria equivalente ao saciar a fome. Aqui está postulada a existência de uma pulsão sexual e de outras formas de energia psíquica, como os processos nutritivos, referidos como pulsões de autoconservação. Nessa distinção, o conceito de libido fica restrito às pulsões sexuais, enquanto as pulsões de autoconservação vão estar relacionadas às necessidades. As fontes da excitação sexual infantil são mobilizadas primordialmente, de forma mais ou menos direta, pelas excitações das superfícies sensoriais (a pele e os órgãos dos sentidos) e, de modo mais direto, pela operação de estímulos das zonas erógenas.

A qualidade do estímulo parece ser o elemento decisivo da fonte de excitação sexual. Entretanto, além dessas fontes, existem processos internos de excitação sexual, os quais, ultrapassando certos limites quantitativos, exercem um efeito concomitante à excitação externa. É a esse processo, como fonte interna ou sua associação com as zonas erógenas, que denomina-se pulsões parciais da sexualidade.

A idéia de que a própria pulsão sexual não seja algo simples, mas reunida a partir de componentes, indica a existência de pulsões parciais que surgiram como pares de opostos, tais como escopofilia-exibicionismo ou sadismo-masochismo, e introduziram novos objetivos sexuais. Assim, quando no inconsciente houvesse uma pulsão capaz de formar par com um oposto, esta segunda pulsão também se encontraria em ação, produzindo seus efeitos. Desse modo, a análise da pulsão sexual pode ser feita a partir de um certo número de pulsões parciais que, na sua maioria, podem ser associadas a uma zona erógena específica, enquanto outras estariam definidas pelo seu alvo (como a pulsão de domínio), apesar de poderem também estar ligadas a uma fonte somática (no caso, a musculatura).

Na vida sexual das crianças, verificam-se os primórdios de uma organização dos componentes pulsionais sexuais, o que configura uma organização pré-genital. Inicialmente, numa fase primitiva, o predomínio é do erotismo oral, seguido numa segunda fase pela predominância do sadismo e erotismo anal e, finalmente, numa terceira fase a primazia é do falo. Convém assinalar que essas fases foram concebidas em momentos diferentes e não nesta seqüência final em que são atualmente entendidas. Para a teoria freudiana existem diferenciações constitucionais quanto à força relativa dos componentes individuais da pulsão sexual, bem como na maneira pela qual se consolidam no curso do desenvolvimento

a partir de várias fontes.

A existência de uma organização pré-genital da vida sexual comporta estágios preliminares de uma sólida organização das pulsões parciais. A vida sexual infantil se caracteriza por ser inicialmente auto-erótica, onde as pulsões parciais estariam desligadas e independentes na sua busca de prazer, caracterizando o que Freud chamou de aspecto perverso-polimorfo da sexualidade infantil. A vida sexual normal do adulto, ao contrário, seria orientada para a busca do prazer sob a influência da função reprodutora e as pulsões parciais estariam organizadas, unificadas para atingir o novo objetivo sexual, enquanto as zonas erógenas ficariam subordinadas ao primado do genital. A pulsão sexual em sua forma madura é, então, uma conquista.

Freud indica três características essenciais de uma manifestação da sexualidade infantil, a partir do modelo do ato de sugar o polegar, quando menciona a ligação da atividade sexual às funções somáticas, a ausência de um objeto sexual o que configura o auto-erotismo, e a zona erógena dominando o objetivo sexual.

A qualidade de erogeneidade diz respeito a todas as partes do corpo e a todos os órgãos internos. Assim, a zona erógena, que é selecionada de uma maneira ou de outra, exige a obtenção da satisfação por meio de um estímulo apropriado. Essa satisfação consiste no objetivo sexual da pulsão infantil, sendo imprescindível uma experiência de satisfação anteriormente experimentada, a qual tenha deixado uma necessidade de repetição.

A criança percebe a sensação de prazer da zona erógena o que origina a necessidade da repetição da vivência de satisfação. Assim, o objetivo sexual compreende a produção de um sentimento de satisfação através de um estímulo externo que remova e substitua a sensação projetada de excitação na zona erógena. A criança visa repetir suas primeiras experiências prazerosas. A primeira experiência de satisfação se dá geralmente associada ao ato de mamar, quando a fome é saciada. Junto com a eliminação da necessidade, há um registro de uma experiência de satisfação, o que faz com que a satisfação da zona erógena fique associada à satisfação da necessidade de nutrição.

Isso mostra a relação inicial que se estabelece entre a pulsão sexual e a pulsão de autoconservação. A pulsão sexual primariamente apóia-se na pulsão de autoconservação e só posteriormente se desliga dela. Assim, no que concerne ao desenvolvimento progressivo da teoria das pulsões, a primeira etapa da dualidade pulsional se caracteriza pelo antagonismo entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação.

A idéia da existência de outro tipo de pulsões que se contrapõem às pulsões sexuais encontra-se nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), através da concepção do apoio da sexualidade em funções somáticas. Por apoio ou anáclise entende-se a relação primitiva das pulsões sexuais com as pulsões de autoconservação, onde inicialmente as primeiras se apóiam nas segundas para obterem sua descarga. Só secundariamente as pulsões sexuais se separam das pulsões de autoconservação e se independentizam. Entretanto, a marca desta ligação original com a autoconservação ficará registrada no percurso da sexualidade do adulto. A oposição entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação também é enfocada em relação ao conflito psíquico, mais especificamente, ao conflito neurótico.

No que concerne à escolha de um objeto, Freud propõe que:

“[...] mesmo após a atividade sexual ter-se desligado da ingestão de alimentos, persiste uma importante parte desta primeira e mais significativa de todas as relações objetais, a qual ajuda a preparar a escolha de um objeto e assim a restaurar a felicidade que foi perdida. O encontro de um objeto é, na realidade, um reencontro dele” (FREUD 1986, p. 229).

Entende-se que é um reencontro do objeto visto que se busca algo que é fantasístico. O reencontro não é do mesmo objeto, mas de uma fantasia, pois nasce de um desejo e não mais de uma necessidade. Pode-se dizer que a pulsão se relaciona com objetos através de fantasmatisações. Uma certa inquietação em relação à classificação das pulsões acontece a partir dos estudos *Sobre o Narcisismo* (1914).

Nesse momento, o antagonismo entre pulsões sexuais e de autoconservação se mantém, porém a libido, energia da pulsão sexual, é subdividida em ‘libido do ego’, que investe o ego e ‘libido objetual’ que investe os objetos no mundo externo.

O ego passa a ser investido tanto pela pulsão de autoconservação como pela pulsão sexual. A idéia proposta é a de que o ego não existe desde o começo, necessitando, portanto, ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, porém, existiriam desde o início, sendo necessário acrescentar ao auto-erotismo uma nova ação psíquica com o objetivo de provocar o narcisismo (libido do ego). Assim, o narcisismo se constitui numa fase posterior ao auto-erotismo e anterior ao amor objetual.

### As Pulsões e seus Destinos – 1915

Em 1915, Freud introduziu novo avanço na teoria das pulsões, através do texto *As Pulsões e seus Destinos*. Neste texto, Freud mantém a dualidade pulsional entre sexualidade e ego, sendo que, nesse momento, que é posterior à abordagem do narcisismo, o ego está sexualizado através da libido do ego. Inicialmente as pulsões são examinadas sob o ângulo da fisiologia, onde são distinguidos os estímulos pulsionais de outros estímulos. Freud designa, então, a origem interna do estímulo e sua força constante como as principais características da pulsão, as quais mobilizam atividades complexas e interligadas no aparelho mental, promovendo uma modificação no mundo externo, com o intuito de proporcionar satisfação à fonte interna da estimulação. Conclui que as forças motrizes, que levam ao progresso e ao desenvolvimento, não se relacionam com os estímulos externos, mas sim às pulsões. Freud retoma o conceito de pulsão nesse artigo. É o terceiro momento em que ele a define:

“Se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, uma ‘pulsão’ nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (FREUD, 1986 p.142).

Os três momentos onde está conceituada a pulsão, citados acima, guardam uma estreita relação e consonância entre si. Todos têm em comum a idéia de pulsão como um conceito que se situa entre o somático e o anímico, sendo a pulsão um representante psíquico. Então a constituição de pulsão sexual se dá por “apoiatura” no somático, a partir do registro repetitivo das experiências de satisfação.

Nessa concepção, as experiências vividas, sua repetição e, conseqüentemente, seus registros vão dar origem aos representantes pulsionais que, ao se fixarem no aparelho psíquico, através do recalçamento originário, vão inaugurar o sistema Ics que vai se diferenciar dos sistemas Pcs-Cs. A constituição da pulsão, nesta primeira teoria pulsional, coincide com a constituição do Ics que passa a existir como uma tópica diferenciada do aparelho psíquico, devido à ação do recalçamento originário.

O recalçamento originário consiste no primeiro tempo do recalçamento (o recalçamento propriamente dito e o retorno do recalçamento constituem o segundo e o terceiro tempos), que objetiva que o representante psíquico da pulsão não tenha acesso ao consciente. Assim, este representante ideativo da pulsão passa a ser fixado no Ics e lá permanece inalterado e ativamente produzindo derivados. O recalçamento originário cria a diferença entre os sistemas psíquicos e os mantém separados, com formas de funcionamento específicas (Ics/Pcs-Cs). O recalçamento originário, então, recai sobre os representantes pulsionais, enquanto o secundário recai sobre os derivados.

A pulsão também é compreendida através de quatro características que lhe são imprescindíveis: a pressão, a fonte, a finalidade e o objeto. A pressão é a atividade energética constante da pulsão. É a própria essência da pulsão e é uma característica inerente a todas as pulsões, o que quer dizer que todas as pulsões são essencialmente ativas.

A fonte da pulsão compreende os processos somáticos de onde surgem os estímulos, sendo eles representados na vida mental por uma pulsão. Entretanto, apesar da pulsão ter sua origem numa fonte somática, é apenas através de suas finalidades que é possível identificá-la na vida mental. A finalidade de uma pulsão é a satisfação, que é alcançada ao ser eliminado o estímulo.

O objeto da pulsão é o que tem de mais variável numa pulsão, podendo ser uma parte do próprio corpo ou um objeto externo. É através do objeto que a pulsão atinge seu fim, a satisfação. Freud no ano de 1915 apresenta uma caracterização geral das pulsões sexuais:

“São numerosas, emanam de grande variedade: as fontes orgânicas, atuam em princípio independentemente uma da outra e só alcançam uma síntese mais ou menos completa numa etapa posterior. A finalidade pela qual cada uma delas luta é a consecução do ‘prazer do órgão’; somente quando a síntese é alcançada é que elas entram a serviço da função reprodutora, tornando-se então identificáveis, de modo geral, como pulsões sexuais. Logo que surgem, estão ligadas às pulsões de autopreservação, das quais só gradativamente se separam; também na sua escolha objetiva, seguem os caminhos indicados pelas pulsões do ego”(FREUD, 1986 p.146-147).

Através do recalçamento originário, o aparelho psíquico define-se por diferentes lugares de circulação da energia pulsional com características próprias e singulares a cada sistema. Isto é o que permite que as cargas de energia pulsional ganhem estratificações e circulem pelo aparelho psíquico, respeitando, comunicando os sistemas entre si, através das leis próprias de cada sistema psíquico. O funcionamento geral do aparelho, assim, pode ser saudável. Ao contrário, quando as cargas circulam livremente por falhas na constituição do recalçamento originário, há também um comprometimento no funcionamento psíquico do sujeito.

As pulsões sexuais, podem ter quatro destinos no processo de desenvolvimento e no transcurso da vida, quais sejam, transformação em contrário, volta sobre si mesmo, recalçamento e sublimação. Essas vicissitudes da pulsão sexual também podem ser entendidas como modificações da expressão direta da pulsão.

De um modo mais amplo, esses quatro destinos da pulsão são também pensados como os destinos do aparelho psíquico, em termos de seu funcionamento predominante, o que determina os aspectos normais e patológicos de sua constituição.

Assim, os dois primeiros destinos - transformação de uma pulsão em seu oposto e a volta da pulsão sobre o próprio eu do indivíduo, são formas de funcionamento características das estruturas psíquicas perversas e psicóticas. O recalçamento e a sublimação fazem parte do funcionamento psíquico neurótico.

Na primeira teoria pulsional, a pulsão sexual se constitui a partir do apoio no somático, onde, além da satisfação da função de autoconservação, o bebê recebe um *plus* de prazer que vai dar origem à pulsão sexual. Essa pulsão vai ser fixada no inconsciente, através do representante pulsional e vai constituindo o inconsciente, o qual é fundado pelo recalçamento originário.

### Dualismo Pulsional: Além do Princípio do Prazer – 1920

Em 1920, Freud propõe a oposição entre pulsões de vida e pulsões de morte, através do texto *Além do Princípio do Prazer*. Este texto configura uma nova etapa na evolução da teoria freudiana das pulsões. No que se refere às pulsões, FREUD (1986 p. 51) descreve: “As mais abundantes fontes dessa excitação interna são aquilo que é descrito como as ‘pulsões’ do organismo, os representantes de todas as forças que se originam no interior do corpo e são transmitidas ao aparelho mental.”

As moções que surgem das pulsões pertencem ao tipo de processos livremente móveis que exercem pressão no sentido de descarga, e não ao tipo de processos vinculados. É no sistema inconsciente, que funciona regido pelo processo primário, onde a energia está livremente móvel, podendo facilmente ser deslocada ou condensada, que as moções pulsionais fazem seu ponto de impacto. Contrapondo com os processos do sistema inconsciente, os sistemas pré-consciente/consciente funcionam sob o domínio do processo secundário, que se caracteriza por alterações em sua energia vinculada. A partir da concepção das pulsões, como sendo de natureza conservadora e com uma tendência a restaurar um estado anterior de coisas, as modificações impostas ao organismo são concebidas com relação as influências perturbadoras externas.

A idéia de que a vida pulsional, como um todo, serve para ocasionar a morte, contrapõe-se à suposição de pulsões de autoconservação. Sob esse prisma, as pulsões de autoconservação têm sua importância teórica reduzida. Então, passam a ser caracterizadas como pulsões parciais que têm como função garantir que o organismo seguirá seu próprio caminho para a morte, e afastar todos os modos possíveis de retornar à existência inorgânica que não sejam os imanentes ao próprio organismo. “[...] o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo. Assim, originalmente, esses guardiões de vida eram também os lacaios da morte” (FREUD, 1986 p. 52).

Entretanto, uma situação diferente é apontada, que consiste numa exceção à tendência de buscar o estado anterior da matéria inanimada, a qual estaria representada pelas pulsões sexuais, que trabalham contra a morte da substância viva.

Duas razões explicam a função das pulsões sexuais, representadas pelas células germinais: as células germinais retêm a estrutura original de substância viva e decorrido certo tempo, desprendem-se do organismo, com suas disposições pulsionais herdadas e recentemente adquiridas e produzem um outro organismo.

Para tanto, a célula germinal precisa fundir-se com outra célula germinal diferente dela. As pulsões sexuais também são conservadoras por preservarem a própria vida por um período longo. Assim, são denominadas de pulsões de vida e opostas ao outro grupo de pulsões que visam a morte. Então, na pulsão de morte a teoria das pulsões, encontra-se uma nova dualidade definida pelas pulsões de vida e pulsões de morte.

Duas direções opostas operam nos processos vitais, uma construtiva ou assimilatória e outra destrutiva ou dissimilatória. A atividade das moções pulsionais também apresentam essa oposição representada pelas pulsões de vida e pelas pulsões de morte. Freud na sua obra *Além do Princípio do Prazer* propõe que:

“[...] a união de uma série de células numa associação vital, [...] se tornou um meio de prolongar a vida. Uma célula ajuda a conservar a vida de outra, e a comunidade de células pode sobreviver mesmo que as células individuais tenham de morrer. (E, numa tentativa de aplicar a teoria da libido à relação mútua das células, supõe que), [...] as pulsões de vida ou pulsões sexuais ativas em cada célula tomam as outras células como seu objeto, que parcialmente neutralizam as pulsões de morte (isto é, os processos estabelecidos por estas) nessas células, preservando assim sua vida, ao passo que as outras células fazem o mesmo para elas e outras ainda se sacrificam no desempenho dessa função libidinal. As próprias células germinais se comportariam de maneira completamente ‘narcisista’. As células germinais exigem sua libido, a atividade de suas pulsões de vida, para si mesmas, como uma reserva para sua posterior e momentosa atividade construtiva” (FREUD, 1986 p. 69-70).

A existência das pulsões de morte busca seu reconhecimento no fato de que a vida mental é dominada por uma tendência que visa reduzir, manter constante ou eliminar a tensão interna provocada pelos estímulos, sob o domínio

do princípio de prazer. Contudo, os fenômenos da compulsão à repetição, que propiciam a aproximação do conceito de pulsões de morte, estão presentes nas pulsões sexuais, o que leva à suposição da existência das pulsões de vida. Assim, Freud propõe que desde o início haveria uma associação das pulsões de morte com as pulsões de vida.

A apreciação de duas novas moções pulsionais - pulsões de vida e pulsões de morte - configuram um novo passo da teoria das pulsões, que foi favorecido pela extensão do conceito de sexualidade, bem como pela hipótese do narcisismo. Além disso, o fenômeno da compulsão à repetição permitiu a abordagem do caráter regressivo das pulsões.

Para Freud, a pulsão sexual foi transformada em Eros que visa “[...] reunir e manter juntas as partes da substância viva. [...] ‘eros’ opera desde o início da vida e aparece como uma ‘pulsão de vida’ em oposição à ‘pulsão de morte’, criada pela animação da substância inorgânica.” (FREUD, 1986 p. 82) Segue indicando que desde o início da vida estas duas pulsões estão lutando entre si. Freud também propõe um esclarecimento quanto às transformações do conceito de ‘pulsão do ego’. Inicialmente, Freud denomina pulsão do ego todas as tendências pulsionais que se distinguem das pulsões sexuais dirigidas aos objetos; daí a oposição pulsão do ego e pulsão sexual.

A partir da análise do ego revelou-se que uma parte da pulsão do ego também tinha uma qualidade libidinal e investia o próprio ego do indivíduo. Então, essa pulsão narcisista e autoconservadora foi incluída entre as pulsões sexuais.

“A oposição entre as pulsões do ego e as pulsões sexuais transformou-se numa oposição entre as pulsões do ego e as pulsões de objeto, ambas de natureza libidinal. Em seu lugar, porém, surgiu uma nova oposição entre as pulsões libidinais (do ego e de objetos) e outras pulsões, quanto às quais há que se supor que se achem presentes no ego e que talvez possam ser realmente observadas nas pulsões destrutivas” (FREUD, 1986 p. 84-85).

E, quanto à comunicação interna das pulsões, Freud afirma que as pulsões de vida têm muito mais contato com a percepção interna, surgindo como rompedoras da paz e constantemente produzindo tensões cujo alívio é sentido como prazer, ao passo que as pulsões de morte parecem efetuar seu trabalho discretamente.

### O Ego e o Id – 1923

Em 1923, Freud descreve uma nova classificação do aparelho psíquico através do texto *O Ego e o Id*, mencionando uma tríplice divisão em estruturas: id, ego e superego. Entende-se, portanto, que o aparelho psíquico seria originalmente apenas id e que, gradativamente, pela influência do contato com o mundo externo, através da percepção, o ego iniciaria sua estruturação, por diferenciação do id e, posteriormente estruturar-se-ia um superego, no qual estaria representado o ideal do ego e os interditos culturais. O id é inconsciente e, portanto, contém as pulsões.

A segunda teoria pulsional onde são descritas as duas classes de pulsões, compreendidas como as pulsões de vida e pulsões de morte, é mantida e sustentada nos últimos escritos

freudianos. As pulsões de vida - Eros - passaram a agrupar as pulsões sexuais e as pulsões de autopreservação que constituíam o dualismo da primeira teoria das pulsões. As pulsões sexuais são compreendidas como abrangendo a pulsão sexual não inibida, que visa a descarga e o gozo sexual, e a pulsão sexual inibida e dessexualizada que é então sublimada.

A característica de ser conservadora é atribuída às duas classes de pulsões. A pulsão de vida visa conservar a vida e a pulsão de morte visa voltar ao estado anterior inorgânico. É assim também que se encontra uma resposta dualista para o objetivo e o propósito da vida. A biologia e a fisiologia servem como apoio para a explicação desta hipótese, através dos processos de anabolismo e catabolismo, onde todas as partículas de substância viva conteriam ativos ambos os tipos de pulsão, em proporções desiguais.

As duas classes de pulsões vão poder estar fusionadas ou defusionadas. A ligação, união das células, dos órgãos, dá-se por ação da pulsão de vida que assim pode neutralizar a pulsão de morte e desviá-la para o exterior.

Para esta manobra, o aparelho muscular é de importância especial. Na fusão, a pulsão de morte fica neutralizada, enquanto na desfusão há um incremento dela, mas, mesmo assim, segue vinculada à sexualidade, como por exemplo, na perversão.

Assim, pode-se estabelecer uma relação entre a desfusão pulsional e as manifestações patológicas do funcionamento psíquico, isto é, quando a pulsão de morte não é neutralizada pela pulsão de vida, emerge através de um sintoma, no sentido estrito do termo, ou de outra manifestação clínica mais complexa. Freud mantém a idéia de que as pulsões de morte são, por sua natureza, mudas, e que o clamor da vida procede, na maior parte, de Eros.

A teoria das pulsões é retomada no *Esboço de Psicanálise* por Freud (1940[1938]), onde o id é compreendido como sendo herdado, nasce com o sujeito. Nesta concepção do psíquico, as pulsões viriam com o sujeito, estando presentes desde o nascimento.

A pulsão é biológica, herdada; o pulsional já vem posto e não se constitui por "apoiatura" a partir do somático. Fica reafirmada a força do id enquanto expressão da finalidade verdadeira da vida do organismo que é a satisfação de suas necessidades inatas. Ao ego cabe a autopreservação e a busca de um método favorável de obtenção da satisfação pulsional, sem deixar de considerar o mundo externo. As limitações das satisfações é missão do superego. A esse respeito Freud relata em sua obra *Esboço de Psicanálise* que "[...] as forças que presumimos existir por trás das tensões causadas pelas necessidades do id são chamadas de pulsões. Representam as exigências somáticas que são feitas à mente" (FREUD, 1986 p.173).

Freud crê ser possível distinguir um número indeterminado de pulsões, mas decide por classificá-las em apenas duas pulsões básicas: Eros e a pulsão destrutiva. As pulsões de vida (Eros) visam a ligação da união de unidades e sua preservação. Ao contrário, as pulsões de morte têm como meta desligar, desfazer conexões, destruí-las ao invés de preservá-las. Assim, estas pulsões de morte estão a serviço de levar o que é vivo ao seu estado inorgânico anterior.

"Nas funções biológicas, as duas pulsões básicas operam uma contra a outra ou combinam-se

mutuamente. Assim, o ato de comer é uma destruição do objeto com o objetivo final de incorporá-lo, e o ato sexual é um ato de agressão com o intuito da mais íntima união. Esta ação concorrente e mutuamente oposta das duas pulsões fundamentais dá origem a toda a variedade dos fenômenos da vida. A analogia de nossas duas pulsões básicas estende-se da esfera das coisas vivas até o par de forças opostas - atração e repulsão - que governa o mundo inorgânico" (FREUD, 1986 p. 174).

As pulsões básicas terão uma ação fusionada, mesclada e as diferentes proporções nesta fusão pulsional marcam resultados distintos. Assim, por exemplo, Freud se refere ao fator agressividade para demonstrar que o excesso de agressão sexual fará do amante um criminoso sexual. Em contrapartida, se na mescla das pulsões houver uma redução significativa, excessiva do fator agressivo, o amante se mostrará acanhado ou impotente. Então a libido, energia da pulsão de vida, vai neutralizar as tendências destrutivas.

A pulsão de morte opera no interior do aparelho psíquico silenciosamente. Enquanto no interior permanece calada, observam-se seus efeitos quando é desviada para o exterior como pulsão destrutiva. Este movimento de deflexão da pulsão de morte é compreendido como vital para o aparelho mental no que concerne a sua preservação, e, para tanto, o aparelho muscular ocupa um papel relevante.

Com o estabelecimento do superego, enquanto estrutura que se instala organizada no momento pós-edípico, a pulsão de morte fixa no seu interior e também no do ego quantidades significativas da pulsão de morte que de lá passam a operar autodestrutivamente, pois não são desviadas para fora do sujeito.

"Uma porção de autodestrutividade permanece interna, quaisquer que sejam as circunstâncias, até que, por fim, consegue matar o indivíduo, talvez não antes de sua libido ter sido usada ou fixada de uma maneira desvantajosa. Assim, é possível suspeitar que, de uma maneira geral, o indivíduo morre de seus conflitos internos, mas que a espécie morre de sua luta mal sucedida contra o mundo externo se este mudar a ponto de as adaptações adquiridas pela espécie não serem suficientes para lidarem com as dificuldades surgidas" (FREUD, 1986 p. 75).

Para relacionar os desenvolvimentos referidos, pode-se dizer que na teoria das pulsões, além do antagonismo se dar entre as pulsões de vida e de morte, a concepção da origem da pulsão na ordem biológica, marca uma diferença relevante em relação à primeira teoria pulsional.

Quando se concebe a pulsão como biológica e herdada constitucionalmente, tem-se que repensar a questão da origem do inconsciente. Assim, na primeira teoria das pulsões, a constituição da pulsão se dá por "apoiatura" do sexual no somático, o que permite a idéia de um inconsciente que vai se constituir a partir do recalçamento originário, quando por ação deste último são marcados espaços diferenciados no aparelho psíquico (Ics/Pcs-Cs), com conteúdos e leis de funcionamento próprios.

Ao conceber a pulsão como sendo constituída

biologicamente, integrando o id que vem com o sujeito ao nascer, a idéia de inconsciente se dá independentemente da ação de um recalçamento originário, visto que o inconsciente é uma qualidade do id que está presente desde as origens. Então, um novo sistema (ego) se diferencia deste (id) a partir do contato com o mundo externo.

### Conclusão

Para efeito de conclusão, pode-se dizer que segundo Freud, todo desenlace psíquico, dentro da normalidade ou da psicopatologia, deve ser entendido como uma relação pulsional. Isto é, a vida psíquica do sujeito está definida pela pulsão e a história dos acontecimentos pulsionais está definida pelos diferentes momentos da estruturação do aparelho psíquico.

Ao pensar na conclusão deste trabalho, pode-se dizer que a preocupação com o destino das pulsões é, em primeiro lugar, uma preocupação metapsicológica com a constituição do aparelho psíquico e, em segundo lugar, é também uma preocupação com aqueles fatores que intervêm no trabalho com o paciente, na busca de uma melhor saída para o funcionamento desse sujeito psíquico que é objeto de investigação constante do cotidiano clínico.

Há questões que se demarcam e se confundem permanentemente na leitura da obra freudiana, como, por exemplo, a questão do recalçamento e da castração e sua relação com a sublimação. Do mesmo modo, com a definição de sublimação mais restrita – aquela que se limita a remeter à um processo de dessexualização com a conseqüente troca de meta e objeto, e que estaria na base de qualquer fenômeno cultural – coexiste uma outra mais abrangente, que leva a pensar na hipótese de ampliar esse conceito em uma “nova sexualidade”, ou seja, a possibilidade constante de criação de uma energia.

No aspecto teórico, inicialmente, o tema da pulsão foi desenvolvido por Freud através da noção de apoio da sexualidade no somático. Mais tarde, na tentativa de estudar o inconsciente na história da espécie humana, faz uma aproximação com o aspecto biológico, com a herança instintual dos animais, e a pulsão passa, então, a ser compreendida como tendo origem biológica.

Num primeiro momento, a teoria freudiana postula que as pulsões sexuais se antagonizam com as pulsões de autoconservação. Com a introdução do narcisismo, onde Freud diferencia uma libido objetal, que investe os objetos, e uma libido do ego, que tem como destino o próprio ego; cria-se uma complexização para o anterior entendimento da pulsão. Isto porque Freud sexualiza o ego quando se refere que há uma libido que investe o ego (libido do ego), que até então era sede exclusiva das pulsões de autoconservação. Então, fêz-se necessário rever a teoria pulsional vigente. Como resultado, alguns anos mais tarde, Freud reúne sob o conceito

de pulsão de vida, as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais. Ambas visam a preservação da vida e da espécie. Para fazer oposição ao grupo das pulsões de vida, Freud teoriza sobre a pulsão de morte, que tem como meta o retorno ao inorgânico e, portanto, opõe-se às pulsões de vida.

Para Freud, a pulsão está sempre ligada ao somático enquanto fonte. O que ele altera nas suas diferentes abordagens da pulsão é que, na primeira, a ação do semelhante está incluída na constituição da pulsão através da assistência à criança no exercício da função fisiológica (apoio sexual no autoconservativo). Entretanto, na segunda teoria, a pulsão (já vem posta no sujeito) é concebida como inata, como herança filogenética.

Freud descreveu o apoio da sexualidade sobre a autoconservação, sendo a constituição da pulsão sexual proveniente deste apoio. A idéia do apoio do sexual no somático ganha um novo enfoque, quando em “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução”, Freud desenvolve a idéia de que as pessoas que se ocupam dos cuidados da criança, em termos de alimentação e proteção, ocupam o lugar dos primeiros objetos de amor, podendo, ainda, marcar o modo anaclítico de amor de um sujeito. A mesma pessoa que atende às necessidades autoconservativas é fonte da sexualidade da criança.

Freud fala da pulsão para tratar de descrever, estudar e compreender a sexualidade humana. É na sexualidade infantil, como um período primitivo do desenvolvimento, fadado ao esquecimento, que busca conhecer as características originais da pulsão sexual. As experiências de satisfação vividas pela criança vão dar origem aos primeiros objetos sexuais, bem como ao desejo de repetição da satisfação vivida. Esta concepção da pulsão corresponde à primeira teoria pulsional freudiana, na qual a experiência vivida vai constituir a história do sujeito.

### Referências Bibliográficas

- FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: EBSB, Imago, 1986.
- \_\_\_\_\_. (1914). *Narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: EBSB, Imago, 1986.
- \_\_\_\_\_. (1915a). *As pulsões e seus destinos*. Rio de Janeiro: EBSB, Imago, 1986.
- \_\_\_\_\_. (1920). *Além do princípio de prazer*. Rio de Janeiro: EBSB, Imago, 1986.
- \_\_\_\_\_. (1923). *O ego e o id*. Rio de Janeiro: EBSB, Imago, 1986.
- \_\_\_\_\_. (1940). *Esboço de psicanálise*. Rio de Janeiro: ESB, Imago, 1986.

Recebido para publicação em: 04/02/2003.

Received for publication on 04 February 2003.

Aceito para publicação em: 23/04/2003.

Accepted for publication on 23 April 2003.